

“Ela queria ser dona dele”: a construção do sentido por meio de *frames* em narrativas orais de pessoas com a Doença de Alzheimer

“She wanted to be his owner”: The meaning construction by *frames* in people with Alzheimer’s Disease’s oral narratives

Caio Mira¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

cmira@unisinos.br

<http://orcid.org/0000-0002-4858-1743>

Ana Isabel Eltz Dornelles²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

ana.iedornelles@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0332-9314>

Bruna Colares Rodrigues³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

brunarodriguescl@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0093-1326>

Resumo: O envelhecimento da população é uma realidade demográfica em todo o mundo. Tal cenário demanda atenção às questões de saúde que acometem população acima de 60 anos. Nesse quadro a Doença de Alzheimer (DA) se destaca por conta de seus prognósticos alarmantes por ser uma doença neurodegenerativa sem cura (Mc Made; Bateman, 2017). No intuito de enfatizar o que acontece na interação com pessoas vivendo com DA e não somente destacar os déficits linguísticos, este artigo visa a analisar as narrativas orais que emergiram em uma interação com uma pessoa acometida pela DA. As entrevistas qualitativas (Mishler, 1986), a perspectiva de di-

¹ Doutor em Linguística, Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

² Licenciada em Letras, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista CAPES.

³ Licenciada em Letras, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista CAPES.

mensões da narrativa preconizado por Ochs e Capps (2001) e o modelo de lâminas de análise de Biar, Orton e Bastos (2021) constituem o aparato teórico-metodológico para investigar os processos de construção de sentidos e a emergência de identidades sobre o papel materno na narrativa. Para alcançarmos esse objetivo, embasamo-nos, também, no conceito de *frame* de Goffman (1974). Os resultados evidenciam que, mesmo com as dificuldades causadas pela doença, a participante se manteve ativa na interação, trazendo discursos recorrentes na sociedade e demonstrando seu posicionamento em relação à sua concepção de maternidade, por meio do *frame* “filho é da mãe”.

Palavras-chave: Doença de Alzheimer; Narrativas; *Frames*.

Abstract: The population aging is a demographic reality in the whole world. This scenario demands attention to health issues which affect the over sixty-year-old population. In this perspective, the Alzheimer’s Disease (AD) stands out because of its alarming prognostics and for being a neurodegenerative disease without cure (Mc Made; Bateman, 2017). In order to emphasize what happens in the interaction with people living with AD and not only highlight the language deficits, this article seeks to analyze the oral narratives that emerge in an interaction with a person diagnosed with the disease. The qualitative interviews (Mishler, 1986), the model of narrative’s dimensions advocated by Ochs and Capps (2001), and the model of analysis’ blades from Biar, Orton and Bastos (2021) constitute the theoretical-methodological apparatus to investigate the processes of meaning construction and the emergence of discourses about the mother’s role in the narrative. In order to do that, we also based ourselves in the Goffman’s (1974) concept of *frames*. The results point, even with the difficulties caused by the disease, the participant was able to keep active in the interaction, bringing recurrent discourses in the society which she is part of and demonstrating her positioning in relation to her conception of motherhood, by the frame “the son is from the mother”.

Keywords: Alzheimer’s Disease; Narratives; *Frames*.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar como ocorre a construção da identidade materna em narrativas que emergem em interação, no contexto de entrevista narrativa, com uma pessoa com a Doença de Alzheimer (doravante DA). Essa patologia neurodegenerativa afeta diferentes áreas da vida da pessoa acometida e daqueles ao seu redor.

Os prognósticos da doença apontam para um crescimento no número de casos, chegando a níveis maiores do que outras patologias como câncer e diabetes (Mc Made; Bateman, 2017). Considerando que não foi identificada uma causa específica para o seu desenvolvimento, estima-se que os números aumentem a ponto de que, até 2030, uma em cada três pessoas com mais de 85 anos terá desenvolvido a doença.

Por causar a morte de neurônios, os impactos da patologia vão desde a área fisiológica, limitando atividades rotineiras como cuidar da casa e da sua própria higiene, até aspectos mais específicos como a produção linguística e a interação com as pessoas a seu redor. Morato (2012) aponta como principais impactos a dificuldade de nomeação, a repetição de palavras, o uso de dêiticos e de estruturas frasais simples, bem como a dificuldade de compreensão de enunciados mais complexos.

Contar histórias possibilita que cada indivíduo expresse e compreenda suas experiências de vida, bem como construa novas significações acerca de suas identidades e do universo em que estamos inseridos. Dito de outro modo, a emergência de narrativas da vida cotidiana nos permite estabelecer uma relação de interação com o mundo e com nós mesmos. Assim, entendemos que “o mundo social se forma à medida que as pessoas o discutem, o escrevem, o contestam” (Bastos; Biar, 2015, p. 102).

A partir disso, percebemos a relevância da ótica da análise narrativa para compreender e situar nossas histórias em um espaço-tempo de forma que elas produzam sentido. Quando pensamos, por exemplo, nas narrativas de pessoas com Doença de Alzheimer (doravante DA), temos a imagem de que os indivíduos acometidos por essa patologia possuem muita dificuldade ou não conseguem mais interagir com o cotidiano da vida social.

Essa visão, apesar de bastante comum, é, por vezes, estigmatizada, já que a análise da narrativa nos fornece subsídios para encararmos a interação estabelecida por pessoas diagnosticadas com doenças neurodegenerativas de outra forma, de modo que “narrar sobre a vida é uma maneira de pessoas com demência construírem e expressarem sentido sobre suas vidas e tem um impacto em ajudar as pessoas a identificarem a si mesmas”¹ (Karlsson et al. 2014, p. 2797).

Nessa perspectiva, compreendemos que a construção de sentido em narrativas orais de indivíduos com DA envolvem diferentes estratégias para que a interação permaneça ativa e ofereça inteligibilidades sobre a identidade que está sendo construída no e para o mundo social. Observamos que uma das táticas mobilizadas pelas pessoas com DA na construção de suas narrativas é a utilização de itens lexicais que acionem determinados *frames* (Goffman, 1974) tanto para que a interação continue ativa quanto para que a sua perspectiva de mundo seja compreendida por quem os ouve.

A Doença de Alzheimer

A DA é uma patologia neurodegenerativa ainda sem cura nem causas identificadas (Alzheimer’s Association, 2018). Sabe-se que ocorre pelo acúmulo de fragmentos da proteína beta-amiloide e da forma desordenada da presença proteína tau nos neurônios. Apesar do conhecimento do conhecimento sobre o acúmulo da proteína beta-amiloide, o desenvolvimento da DA é desencadeado por fatores diversos que não são totalmente conhecidos. O estilo de vida, tabagismo, histórico de demências na família, incidência de quadros depressivos frequentes são alguns fatores envolvidos nos diagnósticos da DA (Alzheimer’s Association, 2018).

Outro motivo que causa preocupação a respeito da DA é o seu prognóstico. Conforme apontam Mc Made e Bateman (2017), se a patologia continuar sem uma cura identificada, até 2030, mais de 70 milhões de pessoas ao redor do mundo terão sido diagnosticadas com DA, o que trará impactos sociais

e econômicos uma vez que os governos terão de dispor de recursos financeiros e profissionais para atender essa população (Gao, et. al. 2019).

Sendo considerada a principal causa de demência, conforme aponta o relatório da Associação Americana do Alzheimer (2018), os sintomas que acarreta variam conforme o estágio da doença em que a pessoa se encontra. Assim, inicialmente, há pequenos lapsos de memória recente. Porém, com a evolução do quadro, os impactos aumentam, dificultando que o paciente atue autonomamente em atividades cotidianas, bem como ocasionando em mudanças comportamentais.

Em relação aos impactos na linguagem, é observado o uso de dêiticos em excesso; anomia, parafrasias, dificuldades de acesso lexical, processamento sintático e semântico e na compreensão de enunciados mais elaborados ou complexos (Morato, 2010; Huff; Corkin; Growdon, 1986; Custodio, 2019).

Mesmo com essa breve descrição, percebemos que os impactos que a DA acarreta à vida das pessoas acometidas e daquelas que com elas convivem são imensos, uma vez que há a necessidade de se adaptar a essa nova realidade (Mira; Carnin, 2017). Sabat (2019) acrescenta que outro fator complicador é o estigma social por trás do diagnóstico. Percebemos, como bem destaca o autor, que há uma construção de uma imagem da pessoa com DA como incapaz de cuidar de si mesma e de interagir com os que estão ao seu redor.

Em outro estudo, Sabat, Napolitano e Fath (2004) evidenciam os impactos do tratamento infantilizado ou até desrespeitoso que afetam sensivelmente a construção e o reconhecimento da própria identidade de quem vive com DA. Isso ocorre porque, frequentemente, quando as outras pessoas os reduzem aos seus diagnósticos, há uma desconsideração de tudo que se foi (e se é ainda) antes (e além) da DA.

Dessa forma, Sabat (2019) afirma a necessidade de abordagens qualitativas para a investigação dos impactos causados pela DA na vida dos acometidos e de seus familiares e cuidadores. Segundo o autor, essa virada metodológica permite um aprofundamento maior nas identidades dessas pessoas para além do diagnóstico. Em consonância com essa perspectiva, Karlsson, Savenstedt, Axelsson e Zignmark (2014, p. 2797) ressaltam que “narrar sobre a vida é uma maneira de pessoas com demência construírem e expressarem sentido sobre suas vidas e tem um impacto em ajudar as pessoas a identificarem a si mesmas”.

Assim, ainda que, por conta das dificuldades linguísticas e de memória, a atividade de narrar seja afetada pela DA, sua importância na vida das pessoas acometidas é grande uma vez que permite que as pessoas se posicionem interacionalmente e participem da vida social construindo sentido sobre si e sobre o contexto em que são inseridas. Dessa forma, conseguimos ir além da visão limitadora que se constrói sobre a demência, enfocando nos recursos linguísticos que são mobilizados na interação (Mira; Custódio, 2022).

Narrativas: formas de construção da realidade social

O ato de narrar histórias nos é familiar desde o início da vida. Por exemplo, ainda na gestação, as mães começam a construir laços afetivos com seus bebês através de histórias. As narrativas nos acompanham em todo decorrer da vida adulta. Nesse sentido, Bruner (1986) afirma que a narrativa é tão comum quanto

a própria linguagem. A presença abrangente das histórias em nossas vidas esclarece a relevância e a busca pelas narrativas como objeto de estudo das mais distintas áreas do conhecimento (Flannery, 2015).

Além do quão acostumados estamos com a construção de narrativas no dia a dia e da sua presença em várias esferas da vida social, podemos considerar que contar histórias auxilia na consolidação da visão do mundo que nos cerca. Nessa perspectiva, Bastos e Biar (2015, p. 102) afirmam que “o mundo social se forma à medida que as pessoas o discutem, o escrevem, o contestam”. Assim, entendemos, que, mais do que explanar eventos ocorridos ou histórias aleatórias, as narrativas também são pertinentes para a construção de quem somos. Flannery (2015, p 13-14) explica que

A narrativa tem sido definida como recapitulação de experiência e encadeamento temporal de eventos [...]. Alguns estudiosos, porém, preferem não definir a narrativa, tendo em vista que o próprio ato de elaborar uma explicação precisa deste modelo discursivo acaba por limitar o foco analítico. (p. 13-14).

Bastos e Biar (2015) revelam contornos mais nítidos para a definição de narrativa, que pode ser compreendida “como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social” (Bastos; Biar, 2015, p. 99). Dessa forma, entendemos que a ubiquidade e o significado do fenômeno narrativo nos permitem dizer que o ato de contar história está intrinsecamente relacionado com as trocas, negociações e experiências que vivenciamos diariamente.

Ao estreitar nossa revisão de literatura para o campo da linguagem, sabemos que Labov e Waletzky (1967) foram os primeiros a incorporar as narrativas em suas agendas de pesquisa. O modelo canônico de análise de narrativas inaugurado pelos autores conceitua as narrativas como a “forma de recapitular discursivamente experiências passadas a partir de uma articulação sequencial de orações”. (Bastos; Biar, 2015, p. 100). Além disso, no modelo laboviano, a narrativa é constituída por “componentes específicos em seu corpo textual” (Flannery, 2015, p. 21) que edificam a temporalidade do evento narrado. Seguindo Flannery (2015), Labov postulou seis componentes recorrentes no desenvolvimento das narrativas sendo eles:

Ainda que o modelo de Labov e Waletzky tenha possibilitado muitos estudos contemporâneos acerca do estudo das narrativas, o modelo canônico idealizado pelos sociolinguistas foi bastante questionado, principalmente, no que se refere ao formato das narrativas e os contextos em que elas emergem nas interações (De Fina; Georgakopoulou, 2012).

A partir desses primeiros estudos, novas propostas de análise das narrativas orais foram desenvolvidas. Neste artigo, apoiamo-nos na perspectiva da Sociolinguística Interacional que, conforme descrição de Biar, Orton e Bastos (2021), busca investigar como ocorre a construção de sentido em contextos reais de uso da língua em interação, tendo uma perspectiva que vai do micro para o macro.

Nesse sentido, compreendemos que narrar histórias é uma atividade performativa interacionalmente situada em que “[...] o narrador se envolve na construção do mundo social e na constituição de si mesmo e dos outros tanto como parte dos eventos narrados como parte da narrativa em que está situado” (Moita Lopes, 2021, p. 24). Enfatizamos que esse processo de construção de sentidos e iden-

Quadro 1. Componentes da narrativa

Resumo	Consiste em uma breve ideia que introduz o que será tratado na narrativa.
Orientação	Apresenta os elementos que irão identificar e contextualizar as sequências da história (personagens, lugar, tempo, atividades).
Orações de complicação	Explica o que aconteceu na narrativa.
Avaliação externa ou interna	Evidencia a explanação do interlocutor ou do narrador sobre o que aconteceu na história.
Resolução	Traz a revelação do desfecho da narrativa.
Coda	Aborda a reinserção da história na interação.

Fonte: Elaboração própria com base em Flannery (2015).

tidades é negociado entre os participantes da interação (De Fina; Georgakopoulou, 2012) de forma que os papéis que assumem são continuamente (re)definidos ao longo das narrativas a fim de que se preserve a imagem que se quer construir (Goffman, 1980).

Para darmos conta dessa concepção de narrativa, apoiamo-nos no modelo proposto por Ochs e Capps (2001) por compreendermos que se trata de uma perspectiva mais interacional e não monológica das histórias contadas. Assim, as autoras propõem que as narrativas são caracterizadas por aspectos como narração, historiabilidade, encaixe, linearidade e postura moral. Porém, como ressaltam, esses elementos são apresentados em dimensões, conforme o quadro abaixo:

A narração corresponde ao nível de envolvimento dos participantes da interação na narrativa. A historiabilidade se refere ao nível de relevância a história em relação aos objetivos interacionais. O encaixe, a como ocorre a emergência da narrativa em relação à interação em desenvolvimento. A linearidade indica o quanto a histórica é marcada, ou não, cronologicamente. A postura moral, por fim, contempla os valores e discursos morais por trás das narrativas.

Com base nesse arcabouço teórico, consideramos que as histórias contadas por pessoas com DA são contextos interacionais em que ocorre a construção de sentidos e a emergência de discursos

Quadro 2. Dimensões da narrativa

Dimensões	Possibilidades	
Narração	Um narrador ativo	→ Múltiplos co-narradores ativos
Historiabilidade	Alta	→ Baixa
Encaixe	Isolada	→ Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	→ Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada, constante	→ Indeterminada, fluida

Fonte: Adaptado de Ochs e Capps, (2001).

presentes na sociedade em que vivemos. Assim, compreendemos que a análise dessas narrativas permite investigar como a própria vida social acontece (Biar; Orton; Bastos, 2021).

Frames: princípios de organização do conhecimento interacional

Em linhas gerais, o termo *frame* possui uma natureza bastante polissêmica, uma vez que o conceito tem sido utilizado como alicerce teórico em diversos campos, como, por exemplo, na Inteligência Artificial (Minsky, 1981), na Sociologia (Goffman, 1974) e na Linguística (Fillmore, 1985). Tendo em vista a vasta difusão terminológica, buscamos direcionar nossa discussão no “caráter replicável para a análise da experiência social de diferentes ordens discursivas, na educação, na saúde, na assistência, na política etc.” (Lima; Miranda, 2013, não paginado) do termo. Para tanto, iremos utilizar os estudos do sociólogo Erving Goffman (1922-1982) que exploram os aspectos sociointeracionais do conceito de *frame*.

Na obra *Frame Analysis* (1974), Goffman define os *frames* de enquadres e os compreende como os “[...] princípios de organização que governam eventos [...] e nossos envolvimento subjetivo neles.” (Goffman, 1974, p. 11). Ou seja, o teórico compreende o termo como um conjunto de “estruturas sociais relacionadas intimamente com a linguagem, reconhecidas e modificadas pelos indivíduos” (Morato, 2010, p. 95). Isto é, os enquadres são construtos que englobam os conhecimentos enciclopédicos concebidos a partir das nossas experiências e que nos possibilitam assimilar e transformar nossas práticas cotidianas.

Ao encontro disso, ressaltamos a reflexão de Morato (2010, p. 100) que acredita, diferentemente de autores como Tannen e Wallat (1998), não haver o hiato entre as estruturas de conhecimentos e interacionais dos *frames*, visto que

[...] essas duas esferas do conhecimento – interacional (enquadres interativos) e semântico (esquemas de conhecimento) -, inter-relacionadas num continuum dialético, podem ser articuladas em torno de um postulado interacionista básico já formulado por Vygotsky (1934/1987), que pode ser assim enunciado de forma sintética: ‘não há pensamento ou domínios cognitivos integrais fora da linguagem e nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos’ (Morato, 1996, p. 100).

Nesse sentido, Santos (2020, p. 76) salienta que “[...] os *frames*, em sua dimensão sociocultural, são sempre, em alguma medida, resultados de experiências que se moldam e se reconstroem na interação”. Ou seja, para adotar o conceito de *frame* como uma ferramenta analítica, é preciso considerar o caráter sociocultural dessa noção de modo que o “*continuum* dialético” seja preservado e não se limite a dicotomias estruturais.

Morato (2010, p. 101) complementa postula a coexistência de *frames* semânticos e interacionais afirmando que “a noção de *frame* parece ter a ver, pois, assim como a noção de contexto, com um estado de coisas que em parte está organizado a priori, e em parte está associado a uma significação que emerge de sua própria organização (cf. Hanks, 2008)”. Nessa perspectiva, podemos compreender o conceito de *frame* como um conjunto de conhecimentos ou vivências interrelacionados que protagonizam a organização das nossas experiências e por elas são organizados.

Ainda nesse sentido, ao se debruçar sob os estudos de Goffman (1974), Hangai (2012) entende que

[...] a experiência de cada indivíduo resulta de como ele enquadra a realidade ao seu redor. A subjetividade e o conjunto de significados empregados para decifrar e compreender o mundo são os elementos construtores daquilo que é considerado real para cada pessoa. (Hangai, 2012, não paginado).

Assim, podemos observar que a subjetividade do indivíduo somada aos significados atribuídos aos fatos e eventos do mundo geram realidades e, por consequência, experiências individuais. Nesse contexto, o *frame* é compreendido como um esquema mental que é acionado pelos indivíduos para empregar significados aos acontecimentos que os cercam e a partir disso organizá-los.

Com base nessa discussão inicial, acreditamos que a concepção de *frame* idealizada no cenário sociointeracional apresenta potencial analítico para entendermos como os sentidos emergem e se constroem a partir dos conhecimentos prévios no contexto interacional das narrativas orais.

O percurso metodológico

Este estudo se caracteriza como qualitativo. Creswell (2010) explica que esse tipo de pesquisa busca “[...] explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social humano” (p.26). O método utilizado foi o da pesquisa narrativa que, segundo Paiva (2019), utiliza de materiais narrativos como forma de compreender a experiência por meio de uma “colaboração entre pesquisador e pesquisado” (p. 88), permitindo que se adentre nos fenômenos que buscamos nos aprofundar. Sobre os estudos narrativos. Moita Lopes (2021) enfatiza que esse campo de investigação privilegia

[...] a compreensão do ‘sujeito’ em uma área de investigação como alguém que não é autônomo e, assim, não pode ser separável da situacionalidade local e sócio-histórica na qual vive; portanto, de seu corpo, valores e desejos [...] (Moita Lopes, 2021, p. 13).

A geração dos dados ocorreu por meio de entrevistas qualitativas. Dörnyei (2007) explica que, nesse tipo de entrevista, forma-se um ambiente casual em que o foco é nos significados mais profundos dos fenômenos investigados. Edley e Litosseliti (1974) complementam essa descrição ao explicar que, durante as entrevistas, ocorre um processo de trocas recíprocas entre pesquisador e participante.

Tal perspectiva alinha-se com a proposta de entrevistas de pesquisa como eventos discursivos desenvolvida por Mishler (1986). A visão trazida pelo autor é amplamente utilizada no campo dos estudos das narrativas orais. Conforme Bastos (2005, p. 74),

A entrevista de pesquisa interpretativista é uma ferramenta importante para a compreensão de como as pessoas estruturam suas narrativas, bem como para compreender outros fatores, como, por exemplo, o sentido que os indivíduos fazem de si mesmos e sua compreensão do mundo e de suas experiências.

Assim, compreendemos que as entrevistas são um evento discursivo em que ocorre a construção de sentido e que favorece a emergência de narrativas de vida (Bastos; Santos, 2016). Alinhamo-nos

também com Biar, Orton e Bastos (2021) quando afirmam que “as entrevistas nos interessam porque põem atores sociais - pesquisadores(as) e demais participantes - em relação, fazendo emergir narrativas também orientadas para essa relação” (p. 237). Então, distanciamos-nos da visão de entrevistas como uma coleta de dados, uma vez que encaramo-nas como uma interação, logo um processo de construção e negociação de sentido.

Como explicam Bastos e Santos (2016), a etapa posterior à geração dos dados é transcrição, entendida como a “fixação da narrativa em texto” (p.30). Esse processo, porém, é imperfeito (Biar; Orton; Bastos, 2021) e complexo uma vez que, conforme explica Mishler (1986), nunca estão completas, o que exige, ao pesquisador, voltar constantemente a elas. Além disso, o autor pontua que, por não haver uma forma única de transcrição, é preciso que as convenções estejam de acordo com o arcabouço teórico e com os objetivos do estudo.

Levando em conta essas questões, alinhamo-nos com Biar, Bastos e Orton (2021) quando trazem a necessidade de que se ter um equilíbrio entre a descrição da transcrição e a acessibilidade dos dados para que leitores que não estejam familiarizados com a área. Dessa forma, baseamo-nos nas convenções de transcrição criadas por Marcuschi (1986) e adaptadas por Mira e Custodio (2019).

Esta pesquisa se insere no projeto maior coordenado pelo professor Caio Mira, intitulado *Narrativas e identidades no contexto da Doença de Alzheimer: existência, posicionamento e histórias na perspectiva interacional e socioconstrutivista*, e desenvolvido pelo grupo Narrativa, Interação e Linguagem, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Nesse projeto, são feitas entrevistas narrativas com pessoas com a Doença de Alzheimer.

A participante

No caso do dado apresentado neste artigo, foi realizado um contato com uma casa de repouso por intermédio de um colega do grupo de pesquisa cuja família tinha um conhecido nessa instituição. Após alguns contatos posteriores por telefone, dois pesquisadores foram ao local para ter uma conversa inicial sobre a possibilidade de realização da pesquisa.

Sendo muito bem acolhidos, iniciamos a geração de dados. Primeiramente, conversamos com as pessoas responsáveis para identificarmos uma participante que se encaixasse nos critérios da pesquisa. Por estar em uma fase moderada da doença e ter sido diagnosticada há mais de dois anos, chegamos na participante Vera⁴, nome fictício escolhido por ela. Muito solícita, ela demonstrou interesse em participar, pedindo que, logo no primeiro encontro, a pesquisadora se sentasse ao seu lado para conversar.

O dado analisado é da segunda visita, a primeira em que a entrevista foi, de fato, gravada em áudio. Por estar muito frio no dia, optou-se por permanecer na sala de convivência, um espaço bem amplo em que os moradores (como são chamados pelos cuidadores e enfermeiros) ficam sentados em poltronas dispostas ao redor do ambiente, assistindo televisão. Por essa razão, não foram geradas ima-

⁴ A identidade e o anonimato da participante foram preservados durante toda a geração e transcrição de dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado (TCLE), aprovado pelo CAAE sob o protocolo nº: 53242221.5.0000.534 no Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

gens, a fim de preservar a identidade dos demais idosos que não iriam participar, mas que estavam no mesmo ambiente. Sobre essa primeira gravação, é importante observar que Vera estava bem-disposta no dia, querendo conversar bastante, o que gerou um dado de cinquenta e dois minutos de duração.

A fim de obtermos mais dados sobre a participante, também foi feita uma conversa informal com a cuidadora-chefe. Segundo Eva (nome também fictício), Vera estava no lar há, aproximadamente, um ano. Chegou já com diagnóstico da DA há cerca de cinco anos. A família não lidou bem com a situação, alguns familiares desenvolvendo, inclusive, depressão pela sobrecarga emocional de ter que cuidar de seus filhos e de sua mãe. Vera hoje tem setenta e nove anos e apresenta sintomas como falta de memória, confusão mental, parafasia, lapsos de atenção e dificuldade no acesso lexical.

Como ficará claro no dado a seguir, percebe-se que ela acredita que seu neto é, na realidade, seu filho e que sua filha é sua irmã. Segundo a cuidadora, esse é um fato bastante complicado tanto para a Vera, que fica triste em não ter seu filho, quando para sua filha, por não ser reconhecida pela mãe.

Análise de dados

Para a análise dos dados, baseamo-nos no modelo de lâminas proposto por Biar, Orton e Bastos (2021). Nela, as autoras trazem diferentes perspectivas, que não são estanques e que se entrecruzam, para que possamos compreender com maior profundidade as histórias contadas. A partir então de três eixos (estrutura, interação e embates discursivos), são feitas perguntas que permitem articular arcabouço teórico com o que está ocorrendo interacionalmente, conforme ilustramos no quadro abaixo:

Quadro 3. Lâminas de análise

Lâmina:	Enfoque:	Objetivo:
1 ^a	Estrutura da narrativa	“Identificar e descrever a estrutura das narrativas, seus principais movimentos retóricos, as relações de sequencialidade, causalidade e coerência” (p. 241).
2 ^a	Interação	Compreender o contexto em que emergiu a narrativa.
3 ^a	Embates discursivos	“[...] mapear os discursos emergentes na cadeira de enunciados” (p. 242).

Fonte: Elaboração própria com base em Biar, Orton e Bastos (2021).

Ressaltamos que, na última lâmina, para respondermos à questão “Que índices apontam para esses discursos?” (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 242), utilizamos a teoria dos *frames* proposta por Goffman (1974) e anteriormente discutida neste artigo.

Como mencionado anteriormente, no dia da geração do dado analisado a seguir, Vera estava bem-disposta e querendo conversar. Porém, como um dos sintomas que apresenta por conta da doença

são os lapsos de atenção, muitas vezes, na interação, foi preciso que a pesquisadora promovesse a continuidade da conversa. Assim, a narrativa surge a partir de uma pergunta feita pela pesquisadora quanto à participante ter filhos, em uma estrutura de pares adjacentes, conforme ilustra o excerto 1:

Excerto 1. “É filho também”

70	Marina:	é verdade e a senhora tem filhos?
71	Vera:	eu tenho duas filhas ... duas fi três filhas
72	Marina:	<u>três</u> filhas
73	Vera:	<u>três</u> filha menina
74	Marina:	no:ssa nenhum menino?
75	Vera:	não:
76	Marina:	só meninas
77	Vera:	tem um meni:no pequeno que veio agora
78	Marina:	[ah: que é] teu neto
79	Vera:	<u>nã:o</u>
80	Marina:	não:?
81	Vera:	é <u>fi:lho</u>
82	Marina:	é filho também:
83	Vera:	fi:lho
84	Marina:	que legal mas veio depois daí
85	Vera:	é
86	Marina:	entendi
87	Vera:	[ele já] tem oito ano
88	Marina:	é mesmo? ... e ele tá na escola?
89	Vera:	tá:
90	Marina:	e vai bem na escola?
91	Vera:	vai

Fonte: dados da pesquisa.

Aqui, é interessante notar que, primeiramente, na linha 71, Vera diz ter três filhas, informação essa que reforça na linha 73 quando acrescenta “três filha menina”. Porém, quando a pesquisadora então conclui dizendo “só meninas” a fim de confirmar a informação, a participante acrescenta, na linha 77, que há mais um menino mais novo. Por um estranhamento àquela informação, Marina conclui, na linha 78, que seria o neto de Vera. Entretanto, ela nega, dizendo de forma enfática na linha 81, “é fi:lho”. Podemos perceber, também pela repetição dessa informação na linha 83, que houve um problema de entendimento entre pesquisadora e participante e que esta ficou bem preocupada em marcar sua identidade de mãe do menino.

O assunto “filhos”, porém, é deixado de lado e duas narrativas sobre o divórcio entre Vera e seu ex-marido são contadas. Essas histórias encaixadas (Ochs; Capps, 2001) são marcadas por sentimentos de tristeza e de solidão. Após, volta-se ao tópico inicial, quando a participante começa a explicar que, enquanto está na casa, seu filho fica com sua mãe ou sua irmã.

Percebemos que, por diversas vezes, Marina busca confirmar as informações para compreender melhor a narrativa sendo desenvolvida. Ela pergunta, por exemplo, nas linhas 203 e 204, como é a

Excerto 2. “Ele fica com a minha irmã”

197 Vera: uhum ... e agora ... agora por exemplo que eu tô
198 aqui
199 Marina: aham
200 Vera: ele fica com a minha irmã
201 Marina: ah: esse teu filho?
202 Vera: é ele fica com a minha irmã: às vez minha mãe:
203 Marina: sim deixa com outras pessoa e tu te dá bem com a
204 tua família?
205 Vera: me dou bem
206 Marina: eles te ajudam?
207 Vera: uhum
208 Marina: a tua irmã: a tua mãe: eles te dão te ajudam
209 Vera: uhum
210 Marina: aí que bom né

Fonte: dados da pesquisa.

relação de Vera com sua família. Percebemos que esses pares adjacentes de pergunta e confirmação permitiram a conclusão a que chega à pesquisadora na linha 208, em “a tia irmã: a tua mãe: eles te ajudam”, bem como da avaliação positiva que faz dessa informação na linha 210. Quando analisamos a sequência interacional em que tais perguntas ocorrem, podemos perceber que muito dessa preocupação de Marina se deve ao fato de, nas narrativas anteriores sobre o divórcio pelo qual a participante passou, ela ficou bem emotiva e triste.

Quanto à estrutura da narrativa, podemos compreender que esses dois excertos compreendem o que podemos identificar como a introdução. Nela, são apresentados os personagens principais e o cenário da história a ser narrada. Com essa contextualização, a narrativa segue:

Nesse excerto, identificamos, nas linhas 211 e 215, a ação complicadora, que seria o fato de a irmã de Vera, Jane, querer ficar com o filho dela. A partir desse desentendimento que ocorre na história, emerge o discurso recorrente em nossa sociedade de que “filho é da mãe”. Como índices que apontam para esse discurso, temos a construção do *frame* “filho é da mãe” a partir das escolhas lexicais que Vera mobiliza ao narrar. Na análise sequencial da narrativa, por meio de itens lexicais que evocam o *frame* em questão, Vera insere os seus conhecimentos concebidos a partir de suas experiências com a maternidade e de suas vivências em sociedade, o que a possibilitou assimilar, em algum momento da sua vivência, a visão de mundo de que os filhos são responsabilidades intransmutáveis das mães.

Dessa forma, identificamos falas recorrentes como “filho não se dá” (linha 223) e “filho a gente cria” (linha 230) que reforçam essa ideia circulante na sociedade. Percebemos também que as participantes aderem a esse discurso. Essas posições ficam marcadas em diferentes momentos, por exemplo quando, na linha 222, Marina responde alongando a sílaba em “sim:”. O mesmo ocorre também na linha 226 em que, além de repetir o que Vera diz, ainda acrescenta “é verdade”. Após uma pausa, a narrativa segue conforme o excerto 4:

Excerto 3. “Ela queria ser dona dele”

211 Vera: a (Jane) ela vem uma ela: (bate) aqui
212 Marina: aham e como é que ela tá ela tá bem?
213 Vera: (SI)
214 Marina: ai que bom
215 Vera: ela queria ficar com ele
216 Marina: aham
217 Vera: sabe? ela queria ser dona dele
218 Marina: ah: ter a guarda dele:
219 Vera: uhum
220 Marina: ah: entendi
221 Vera: e eu não deixei sabe
222 Marina: sim:
223 Vera: porque eu acho que filho não se dá
224 Marina: é:
225 Vera: nem pra parente
226 Marina: nem pra parente é verdade
227 ...
228 Vera: (filho) a gente cria
229 Marina: sim
230 Vera: conforme dá: mas cria
231 Marina: do jeito que dá né
232 Vera: uhum

Fonte: dados da pesquisa.

Percebemos que Vera dá segmento à narrativa na linha 236 quando usa o operador discursivo “daí”, que indica essa sequencialidade temporal dada. Ela traz, a partir desse movimento de marcação temporal, o desenrolar do desentendimento que teve com a irmã, dizendo que ela “ficou meio assim” (linha 236). Percebendo a dificuldade de Vera em expressar os sentimentos da irmã, Marina complementa dizendo “daí ela não gostou muito”, demonstrando à participante que compreendeu o que ocorrera.

Tendo a confirmação de Vera na linha 239, Marina busca maiores explicações por meio da pergunta “tu acha que ela não entendeu?”. A participante explica a situação utilizando novamente o item lexical “do::na”, na linha 242. Aqui, podemos interpretar a utilização do termo “dona” como um conhecimento prévio ou aproximado que Vera possui da palavra “guarda”, de modo que ela entende que ter a posse ou propriedade do filho é ser a “dona” dele. Também esse item lexical mais uma vez, a visão de mundo ou o conjunto de conhecimentos que Vera utiliza ao narrar sobre maternidade e criação de filhos.

Outro ponto interessante é observar como ela utiliza o recurso de escolher um item lexical que evoque o *frame* “filho é da mãe” para que Marina acione esse enquadre em sua interpretação. Assim, podemos afirmar que o sentido e o fluxo da narrativa são construídos ou possuem seguimento a partir da escolha lexical que Vera mobiliza ao narrar. Ela ainda pede a confirmação de entendimento por parte da pesquisadora perguntando, na linha 242, “sabe:?”. Marina, no turno de fala seguinte, demonstra compreender o que Vera disse. Apesar de a pesquisadora não ter dado uma conclusão à sua fala, o

Excerto 4. “Não sei se não vou ter que brigar por causa dele”

233 ...
234 Marina: é verdade
235 ...
236 Vera: daí ele: ... ela: ficou meio assim
237 ...
238 Marina: sim ... daí ela não gostou muito
239 Vera: não
240 Marina: tu acha que ela não entendeu?
241 ...
242 Vera: ah: ela queria era ser do::na sabe:?
243 Marina: aham porque agora tá com ela queria::
244 Vera: uhum
245 Marina: entendi
246 Vera: agora ele tá ela botou ele no colé:gio
247 Marina: aham
248 Vera: ela não trouxe (ele aqui)
249 Marina: entendi nem no fim de semana que não tinha?
250 Vera: uhum: não tinha aula
251 Marina: é: ... entendi
252 Vera: [não sei] se não vou ter que brigar por
253 causa dele
254 Marina: é:: às vezes né

Fonte: dados da pesquisa.

que fica evidenciado pelo alongamento em “queria::”, a participante confirma o entendimento com o “uhum” na linha 244. Em seguida, Marina reafirma ainda dizendo “entendi” na linha seguinte.

No próximo turno de fala, ocorre o encaixamento (Ochs, Capps, 2001) de uma história bem breve por Vera que conta que a irmã colocou seu filho em uma escola. Ela não dá mais detalhes, porém, podemos perceber que isso deixou a participante triste porque por conta do ingresso no colégio, o menino não veio lhe visitar. Marina, na linha 249, pergunta se nem mesmo no final de semana ele veio. Vera responde, em tom de revolta, que não, mesmo sem ter aula ele não a visitou.

Na linha seguinte, percebemos que o comentário de Marina, ao dizer “é: ... entendi” demonstra que ela compreende o problema e os sentimentos de sua interlocutora. Em uma sobreposição de fala, Vera inicia o que podemos identificar como sendo a resolução da história ao trazer, na linha 252, “não sei se não vou ter que brigar por causa dele”. Ela ainda enfatiza o item lexical “brigar”, o que reforça o embate que se dá entre as personagens dessa narrativa: Vera e sua irmã Jane. Mais uma vez, Marina se posiciona discursivamente aderindo ao discurso de sua interlocutora. Na sequência, inicia o que podemos identificar como a avaliação da narrativa, conforme apresentamos no excerto 5:

Na linha 255, Vera traz uma justificativa de sua decisão de ir brigar pela guarda do filho ao dizer que “porque: é muito ruim tu ter: tu ter um filho e o filho chamar tu de: de vó como ele me chama”. Nesse turno de fala, ficam bem-marcados, especialmente pelas ênfases feitas, o sentimento de tristeza em relação a essa situação e a revolta que sente ao ser identificada como avó pelo menino e não como mãe. Após o turno de

Excerto 5. “Ele sabe que eu sou mãe dele”

255 Vera: porque: é muito ruim tu ter: tu ter um filho e o
256 filho chamar tu de: de vó como ele me chama
257 Marina: aham:
258 Vera: e ele: sabe que eu sou mãe dele
259 Marina: sim entendi ... é: complicada essa situação né
260 Vera: [é::] é
261 muito ruim sabe pra quem não tem assim segurança de
262 si próprio de::ixa
263 Marina: sim:
264 Vera: mas a gente tem que ter::
265 Marina: é e tem que amar né
266 Vera: é:
267 Marina: e tem que mostrar que ama é verdade ... ((pausa
268 longa))

Fonte: dados da pesquisa.

fala de Marina, quando ela mostra estar acompanhando a narrativa, a participante reforça que o menino sabe que é seu filho. A pesquisadora então confirma ter entendido a complexidade da situação.

Na sequência, Vera novamente expressa seu sentimento de tristeza e ainda faz um contraponto. Ela coloca que, “quem não tem assim segurança de si próprio de::ixa” (linha 261), mas que “a gente tem que ter” (linha 264). Ou seja, a participante coloca como opostos aqueles que, em uma situação como essa, não tentariam lutar para ter seu filho de volta por uma falta de segurança de si mesmos e aqueles que buscariam resolver a situação. Ao usar “a gente”, ela se filia a esse segundo grupo. Marina também se posiciona assim ao acrescentar que “tem que amar né” (linha 265) e “tem que mostrar que ama” (linha 276).

Logo após, ocorre uma pausa longa na interação. Depois, a pesquisadora faz uma pergunta diferente que muda o assunto da conversa para a infância da participante. Assim, percebemos que não ocorre a reinserção da narrativa na interação. Muito provavelmente porque, como mencionamos na apresentação da participante, Vera tem lapsos de atenção que demandaram por parte da pesquisadora fazer novas perguntas que dessem continuidade à entrevista.

Quanto às dimensões da narrativa, percebemos que, há uma alternância entre as interagentes na narração, havendo uma estrutura de narrativa com “múltiplos co-narradores ativos” (Ochs; Capps, 2001). Também existe uma linearidade mais marcada. Porém, a dimensão que mais se sobrepõe é a postura moral bem clara e constante, no sentido de que Vera, ao longo de toda a história, posiciona-se como uma mãe que acredita no seu papel como a principal responsável por cuidar de seu filho, não considerando correta a atitude de sua irmã em querer ter a guarda do menino.

Existem, como dissemos, índices que apontam para esse discurso, a construção do *frame* “filho é da mãe” estabelece a visão de mundo incorporada por Vera no sentido de esse enquadre se configura como um esquema de conhecimento que norteia e estrutura o uso da linguagem da participante. Assim, sua narrativa enquadra ou emoldura suas experiências psicossociais, além de projetar e generalizar a visão que ela tem sobre o que é ser mãe e o que é criar filhos.

Considerações finais

O principal propósito deste artigo foi analisar como ocorre a construção da identidade materna em narrativas que emergem da interação, no contexto de entrevista narrativa, com uma pessoa DA. O objetivo também visou ampliar o debate de como se constrói o sentido por meio de *frames* em narrativas orais no contexto da DA.

A partir das análises apresentadas, podemos perceber que Vera, apesar das dificuldades causadas pela DA, conseguiu mobilizar recursos linguísticos, como o uso de itens lexicais que evocam *frames*, para se manter ativa na interação e construir sua narrativa. Mesmo que os fatos narrados não condigam com a realidade, porque sabemos que ela não é realmente a mãe do menino, a história contada nos diz muito sobre os discursos que circulam na sociedade a respeito da responsabilidade materna em criar os filhos.

Foi possível identificar que a proposta de análise de narrativas em lâminas, proposta por Biar, Orton e Bastos (2021), articulada com o modelo de narrativas de Ochs e Capps (2001), possibilitou-nos uma compreensão aprofundada a história narrada, partindo de aspectos micro interacionais para discursos amplos da sociedade. Além disso, a integração da noção de *frame*, desenvolvida por Goffman (1974), trouxe um embasamento teórico que permitiu estabelecer conexões ainda pouco exploradas no âmbito dos estudos de narrativas orais.

Dessa forma, ao pensar na construção do sentido a partir do conceito de *frame*, podemos nos dar conta de dois vieses relevantes. Primeiro, que Vera utilizou os itens lexicais para elaborar a sua narrativa com base numa visão de mundo socioculturalmente compartilhada e, segundo que ela se preocupou em fazer Marina acessar o mesmo *frame*. Com isso, também verificamos o que postula Hangai (2012) ao indicar que “aquilo que determina o sentido de uma faixa de atividade, portanto, é o enquadramento produzido pelo indivíduo participante.” (não paginado). A partir dessa análise, podemos compreender mais da subjetividade de Vera e das coisas “reais” construídas a partir da sua perspectiva individual.

Assim, compreendemos que estudos como este podem possibilitar uma maior compreensão sobre o contexto da Doença de Alzheimer, permitindo enxergar, mais do que desafios, possibilidades e capacidades que as pessoas acometidas por essa patologia possuem.

Referências

- ALZHEIMER’S Association Report: 2018. 2018. Alzheimer’s disease facts and figures. *Alzheimer’s & Dementia*, **14**: 367-429. <https://doi.org/10.1016/j.jalz.2018.02.001>.
- BASTOS, L.; BIAR, L. 2015. Análise narrativa e práticas de entendimento da vida social. *Delta*, **31**: 97-126. <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>.
- BASTOS, L.; SANTOS, W. S. 2013. *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro, Quartet, 204 p.
- BASTOS, L. 2005. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, **3**(2): 74-87.

- BIAR, L.; ORTON, N.; BASTOS, L. 2021. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. *Linguagem em (Dis)curso*, **21**(2):231-251. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-210205-2920>.
- BRUNER, J. 1986. *Actual minds, possible worlds*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CRESWELL, J. 2010. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, Artmed, 126 p.
- CUSTODIO, Katiuscia de Almeida. 2019. *As narrativas orais na doença de Alzheimer: Estratégias de Referenciação na integração*. São Leopoldo, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 118 p.
- DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *Analyzing Narrative: Discourse and Sociolinguistic Perspectives*. New York, Cambridge University Press, 2012.
- DÖRNYEI, Z. 2007. *Research methods in applied linguistics*. New York, Oxford University Press. 336 p.
- EDLEY, N.; LITOSSELITI, L. 1974. Contemplating Interviews and Focus Groups. In: L. LITOSSELITI (org.). *Research Methods in Linguistics*. London, Continuum, p. 155-179.
- FILLMORE, C. 1985. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, **6**(2):222-254.
- FLANNERY, M. 2015. *Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos*. Campinas, Pontes Editores, 120 p.
- GAO, S.; BURNEY, H.; CALLAHAY, C.; PURNELL, C.; HENDRIE, H. 2019. Incidence of dementia and Alzheimer’s disease over time: a meta-analysis. *The American Geriatric Society*, **67**(7): 1361-1369. <https://doi.org/10.1111/jgs.16027>.
- GOFFMAN, E. 1974. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. Cambridge, Harvard University Press, 586 p.
- GOFFMAN, E. 1980. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: S. A. FIGUEIRA (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, p. 76-114.
- HANGAI, L. A framing analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em comunicação. 2012. *Ação Midiática–Estudos em Comunicação*, **1**(3). <http://dx.doi.org/10.5380/am.v1i3.28658>.
- HANKS, W. F. 2008. O que é contexto. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. R. (orgs.) *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo, Cortez, p. 169-203.
- HUFF, F.; CORKIN, S.; GROWDON J. H. 1986. Semantic impairment and anomia in Alzheimer’s disease. *Brain and Language*, **28**(2), p.235-249. [https://doi.org/10.1016/0093-934x\(86\)90103-3](https://doi.org/10.1016/0093-934x(86)90103-3).

- KARLSSON, E.; SÄVENSTEDT, S.; AXELSSON, K.; ZIGMARK, K. 2014. Stories about life narrated by people with Alzheimer’s disease. *Journal of Advanced Nursing*, **70**(12): 2791–2799. <https://doi.org/10.1111/jan.12429>.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. 1967. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, June (ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, University of the Washington Press.
- LIMA, F. R. O.; MIRANDA, N. S. 2013. O frame semântico como uma ferramenta analítica de compreensão de experiências sociais educacionais. *Revista Gatilho*, **8**: 1-14. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/27030>
- MARCUSCHI, L. 1986. *Análise da conversação*. São Paulo, Editora Ática.
- MC DADE, E.; BATEMAN, R. 2017. Stop Alzheimer’s Before it Starts. *Nature*, **547**: 153-155. <https://doi.org/10.1038/547153a>.
- MIRA, C.; CARNIN, A. 2017. Histórias sobre o convívio com a doença de Alzheimer: contribuições da noção de referenciação para a análise de narrativas no contexto de interações de um grupo de apoio. *Estudos linguísticos*, **59**(1): 157-174. <https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648426>.
- MIRA, C.; CUSTODIO, K. 2022. A narrativa como construção identitária de uma pessoa com a Doença de Alzheimer. *Trab. Ling. Aplic.*, **61**(3). <https://doi.org/10.1590/010318138670600v61n32022>.
- MIRA, C.; CUSTODIO, K. 2019. Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior. *Revista Investigações*, **32**: 01-23. <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2019.240157>.
- MISHLER, E. 1986. *Research interviewing: context and narrative*. Cambridge, Harvard University Press, 189 p.
- MINSKY, M. 1981. A framework for representing knowledge. In: P. H. WINSTON (ed.). *The psychology of computer vision*. New York, McGraw-Hill Book Company, p. 211-277.
- MOITA LOPES, L. P. 2021. Os espaçotempos da narrativa como constructo teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada. *Caderno de Letras*, **40**:11- 33. <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i40.21413>.
- MORATO, E. M. 1996. Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido. *Sínteses*, **1**.
- MORATO, E. M. 2010. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Caderno de Letras da UFF*, **41**: 93-113.
- MORATO, E. M.; BENTES, A. C. 2013. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, **55**(1): 125-137. <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636599>.
- MORATO, E. M. et al. 2012. Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção refe-

rencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. *Linguagem em (Dis)curso*, **59**(1), p. 91-110. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322012000300004>.

MORATO, E. M. et al. 2017. O papel dos frames na construção do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, **55**(1): 91-110. <https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648347>.

OCHS, E.; CAPPS, L. 2001. *Living Narrative: creating lives in everyday storytelling*. Cambridge, Harvard University Press.

PAIVA, V. L. M. O. 2019. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo, Parábola, 159 p.

SABAT, S. 2019. Dementia Beyond Pathology: What People Diagnosed Can Teach Us About Our Shared Humanity. *Bioethical Inquiry*, **16**: 163–172. <https://doi.org/10.1007/s11673-019-09899-0>.

SABAT, S.; NAPOLITANO, L.; FATH, H. 2004. Barriers to the construction of a valued social identity: A case study of Alzheimer’s Disease. *American Journal of Alzheimer’s Disease and Other Dementias*, **19**(3). <https://doi.org/10.1177/153331750401900311>.

SANTOS, A. N. 2020. *A Sugestão Legislativa nº 15/2014: entrelaçamentos e reenquadramentos de frames semânticos no debate sobre os direitos reprodutivos das mulheres no Brasil*. 2020. São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 296 p.

TANNEN, D.; WALLAT, C. 1998. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplo de um exame/ consulta médica. In: P. GARCEZ; B.T. RIBEIRO (org.). *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre, AGE, p. 120-141.

Submetido: 27/04/2023

Aceito: 30/06/2023